



Oculum Ensaaios

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil

Martins, Patrícia
REALIDADE E ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA
Oculum Ensaaios, núm. 14, julio-diciembre, 2011, pp. 64-73
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732308006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

REALIDADE E ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA | Patrícia Martins

Arquiteta | Escritório de Projetos Ultradesign Arquitetura Contemporânea |
R. Café Filho, 50, Jardim Chapadão, 13070-067, Campinas, SP, Brasil |
E-mail: martinsppatricia@gmail.com

REALIDADE E ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

A desilusão com a utopia moderna refletiu-se desde muito cedo na produção arquitetônica por meio da busca insistente e contínua por maior aproximação com a realidade do cotidiano do usuário: a realidade da cidade, através da manutenção de sua história (Aldo Rossi); a realidade da comunicação arquitetônica, através da complexidade de conceitos (Venturi); a realidade do caos urbano das décadas de 1960 e 1970, através de propostas utópicas (Archigram e Movimento Radical de Florença); a realidade da sociedade da informação, através da exploração das ideias pós-estruturalistas (Eisenman); a realidade da vida urbana, através do evento (Tschumi); e a realidade da produção arquitetônica no sistema capitalista (Koolhaas). Essa busca fortaleceu-se ao longo dos anos, ganhando fôlego com a superação do paradigma linguístico (Polo, 1994), que permitiu que a forma arquitetônica se libertasse da representação de conceitos e começasse a participar ativamente do processo de projeto, acelerando seu engajamento com a realidade.

Esse processo de engajamento com a realidade contemporânea através da arquitetura dá-se, em primeira instância, pela potencialização da relação entre usuário, seu cotidiano e obra arquitetônica. A hipótese é de que essa potencialização aconteça por meio de metodologias projetuais que pressupõem a desconexão definitiva entre forma e função, com o uso de formas informais e formas pragmáticas. Em segunda instância, uma vez garantida sua inserção na vida metropolitana, a arquitetura reconquista seu poder de conformar essa realidade, agora sim participando da construção da paisagem urbana, da cidade atual.

O processo de separação entre forma e função tem desafiado a ideia de arquitetura como conceito fechado, resultado da aplicação de uma equação específica a responder questões internas à disciplina. A associação dos elementos arquitetônicos, historicamente determinada com o objetivo de representar um conceito, que, por sua vez, representaria sua época, seu tempo, foi definitivamente desfeita. Não é mais a forma que se submete à função, representando-a, simbolizando-a. Contemporaneamente, a forma transforma-se em envelope e adquire autonomia de projeto para viabilizar programas complexos. Sem uma relação de subordinação pré-estabelecida entre seus elementos, sem a obrigatoriedade de conceitos para representar, a ideia de arquitetura se abre para a complexidade da cultura contemporânea, que pressupõe, por sua vez, uma realidade contemporânea com a qual a arquitetura deve se relacionar.

Discutem-se a seguir versões recentes dessa realidade contemporânea e sua relação com a produção arquitetônica atual.

ARQUITETURA DEPENDE

Para Jeremy Till, autor do recém-lançado livro *Architecture Depends*, antes de *ser* definida por conceitos e teorias, a arquitetura depende de uma série de contingências que a redefinem por sua relação com a inescapável realidade da vida contemporânea. Segundo o autor, a arquitetura tem evitado encarar as incertezas do mundo, protegendo-se atrás da ilusão de um campo autônomo. Essa ilusão de autonomia pressupõe a existência de uma pureza arquitetônica, o que não passa de mito que opera na arquitetura por meio de poderosas metáforas carregadas através da história, metáforas que se tornam tão poderosas que colocam a arquitetura como uma ‘autoridade estável’, fazendo-nos crer nela como uma ‘realidade autônoma’ (Till, 2009). Essa conceituação da arquitetura por metáforas é o que produz a ilusão de que ela seja autônoma, autorreferente, o que, por sua vez, gera a vontade de ordem e a concomitante supressão das contingências do mundo real. Segundo o autor, os arquitetos criam sistemas de defesa contra as forças dominantes da modernidade, por meio de barreiras atrás das quais um mundo ordenado possa ser construído. Para Till (2009), entretanto, essa defesa é impossível, cria-se apenas a ‘aparência’ de ordem. Também Aldo Rossi, lutando contra a ideologia moderna, admite essa impossibilidade em sua prática: ‘o que mais me surpreende em arquitetura é que o projeto tem uma vida em seu estado construído e outra vida quando escrito ou desenhado’ (Till, 2009, p.23).

O desconstrutivismo é outro exemplo da autonomia assumida pela arquitetura: o desafio à estabilidade, à simetria e à harmonia acaba substituindo uma simbologia pela outra. Ao propor que “[...] formas são perturbadas e só depois é dado a elas um programa funcional. Ao invés da forma seguir a função, a função segue a deformação”, a intenção de Mark Wigley é exemplo, segundo Till (2009, p.21), da manipulação das formas como atividade essencial da arquitetura. Apesar do objetivo de questionamento e alinhamento

da arquitetura com o momento cultural, com a discussão filosófica, seu campo de ação permanece no campo simbólico, longe da realidade, por meio da manipulação formal. Os desafios reais das contingências do momento cultural são excluídos em troca de sua ‘representação’. Como destaca Till (2009, p.38), o conceito de contingência trata da ‘unidade da atualidade e da possibilidade’ somando concretude à realidade para evitar as armadilhas do pensamento abstrato.

“Um arquiteto não tem nem o luxo da solidão, nem a precisão de métodos *standard*, nem o conforto de uma epistemologia estável. A arquitetura é dependente dos outros desde o primeiro estágio de sua jornada, do primeiro rascunho até a ocupação do edifício” (Till, 2009, p.45). Diante dessa constatação da impossibilidade da autonomia da arquitetura, segundo Till, há duas alternativas de ação: render-se como peões ao regime opressivo de poder e controle ou tornar-se agente ativo na execução desse mesmo poder e controle. Não há lugar para espaços idealizados e isolados (Till, 2009). Diante do inevitável, Till propõe uma aproximação positiva à ideia de contingência que a considere em seus próprios termos, evitando as condições de uma genealogia filosófica de fraqueza¹. Isso significa retrabalhar a relação entre contingência e necessidade do modo como sugeriu Louis Althusser: ‘Ao invés de pensar em contingência como uma modalidade de, ou como uma exceção ao necessário, precisa-se pensar a necessidade como o tornar-se necessário do encontro de contingências’ (Till, 2009, p.55). É essa postura, presente na exaustiva análise da cultura contemporânea de Koolhaas (1994) e seus seguidores, que fundamenta a ideia do programa arquitetônico contemporâneo: a costura entre a realidade da cultura e da sociedade, do contexto, do projeto, da cidade e sua proposta de desenvolvimento através da arquitetura.

Till (1999, p.61) não propõe que a contingência seja a única condição a moldar a vida contemporânea e a arquitetura: “Só estou sugerindo que a contingência seja um aspecto fundamental, que seja considerada, ao invés de evitada como uma ameaça em potencial. As contingências situam-nos no mundo real, fornecendo oportunidades para uma mudança transformadora, evitando os sedutores apelos dos ideais”.

A proposta de uma ‘teoria da contingência’ seria desaconselhável, segundo Till, que propõe então uma prática da contingência, por ser a arquitetura seu meio ideal, ao exemplificar, por meio de uma prática transformativa, como lidar com as contingências. Mas isso só será possível, avisa o autor, se os arquitetos desistirem de suas ilusões sobre autonomia e se engajarem com os outros na complexidade da vida (Till, 2009).

Como seria então essa prática da contingência na arquitetura? Tomando como referência o espaço moderno como definido por Sigfried Giedion no livro *Espaço, Tempo e Arquitetura*, de 1942, Jeremy Till propõe uma inversão de prioridades: o tempo toma a posição de destaque no lugar do espaço como contexto primordial no qual a arquitetura é concebida. Nessa simples operação, a *criação do espaço* como objetivo principal do projeto moderno dá lugar à *consideração do tempo* como objetivo

principal do projeto contemporâneo. Essa troca gera uma mudança radical de intenções: se a criação do espaço prevalece, a ênfase recai na criação formal como principal função da arquitetura. Se o tempo prevalece, verdades estabelecidas da arquitetura através dos anos são relativizadas:

1) O formalismo necessário para a construção do objeto arquitetônico moderno, para veicular a ideia de estabilidade e eternidade, dá lugar à ‘construção do inacabado’² como possibilidade de apropriação, negando qualquer preciosismo formal ou autoral, fazendo com que qualquer aspiração de eternidade ou ‘duração’ do objeto arquitetônico no tempo perca o sentido (Till, 2009).

2) O programa fornecido pelo cliente, e mesmo sua versão mais desenvolvida, já problematizada pelo arquiteto, é complementado pela *storytelling*: verdadeiras pontes que se estabelecem entre cliente e arquiteto através da simples pergunta: “e se?...”. Estórias emergem da experiência do mundo, pressupondo uma fundamentação na realidade, além de tornarem-se “condutores para a temporalização da arquitetura, que, por serem fundadas na experiência diária, não serão impossivelmente idealistas” (Till, 2009, p.114).

3) A negação da afirmação “os arquitetos produzem espaço”, enraizada no ensino da arquitetura e consequentemente em sua prática, por instrumentalizar sua representação unindo forma e espaço em uma relação simbiótica (Till, 2009, p.118). Essa prática produz o que Till chama de *hard space*: o espaço métrico amplamente utilizado pelos arquitetos com o objetivo de conseguir eficiência no uso do espaço. A suposta neutralidade desse tipo de espaço esconde um processo de redução drástica das atividades humanas possíveis em determinado ambiente a medidas-padrão, “despopuladas e destemporalizadas — significando uma limpeza sistemática de todos os seus traços contingentes e transitórios” (Till, 2009, p.122). Citando Lefebvre, Till demonstra como não há nada de inocente relacionado a esse espaço: ao responder ao modo de produção dominante através de estratégias e táticas específicas, ele torna-se o espaço do capitalismo.

4) A valorização do tempo em detrimento da forma propõe outro embate interessante: a arquitetura como cenário (*scenography*) para atividades específicas previamente definidas dá lugar à arquitetura enquanto *setting*: propiciadora e facilitadora de atividades (Till, 2009). Trata-se de uma diferença sutil: enquanto a cenografia apresenta-se como um fundo (*background*) de características essencialmente visuais, habilidosamente projetado, o *setting* emprega a mesma habilidade projetual para armar uma ‘cena social’, onde as características formais, visuais, dão lugar a um ambiente multissensorial. A operatividade formal permite o acontecimento arquitetônico, a manifestação do espaço social, político, em oposição ao *hard space*, formalmente manipulado. Em oposição ao *hard space*: o *slack space* precisa ser visto no tempo, aberto à mudança de usos não nos termos de uma flexibilidade literal, mas nos termos de prover um enquadramento no qual a vida possa se desdobrar (Till, 2009).

A REALIDADE DO SUPERCAPITALISMO

Na tentativa de esclarecer os complexos processos envolvidos na realidade contemporânea, Keller Easterling analisa as práticas da globalização presentes na composição política das paisagens urbanas. As histórias contadas em seu livro “Enduring Innocence” exploram os vários mundos contidos na ideia de um mundo globalizado: “Múltiplos mundos. Múltiplas lógicas. Não um Império, mas vários Impérios. Não uma vila global, mas várias vilas globais. Não um único mundo, mas vários mundos segregados” (Easterling, 2005, p.9). Focada não em sua mistura, mas em sua segregação feroz, Easterling analisa o mundo do turismo, da agricultura *high-tech*, da navegação e seu sistema de portos, dos *resorts* internacionais etc. Segundo a autora, tais ‘produtos espaciais’ aspiram a estabelecer domínios lógicos, *scapes* como ‘*mediascapes*’ ou ‘*ethnoscapes*’ (Easterling, 2005, p.4), que, transformados em *franchisings*, expandem seu território com soberania supranacional, expondo a face real da globalização e de sua lógica, e principalmente expondo a ineficiência do *designer* contemporâneo, que considera ética e estética como principais elementos de seu trabalho. A ingenuidade e o conservadorismo do arquiteto que acredita no sonho de um único mundo globalizado, quando confia na simbologia de uma autenticidade local que deva ser preservada ou na ideia de um ‘*softworld*’ de conectividade que forneça a ilusão da diferenciação através de uma complexidade superficial, são explicitados no texto a partir da análise dos “disfarces éticos de agentes duplos ou descrentes que usam múltiplas personalidades para ganhar a confiança dos jogos mercadológicos e seus padrões de fraude” (Easterling, 2005, p.10).

O que quase sempre acontece, segundo a autora, é o serviço que os arquitetos ingenuamente prestam a esses sistemas globais, fornecendo-lhes os volumes, os *enclosures* capazes de representar tais empreendimentos — uma ‘*piratical architecture*’, ou arquitetura pirata, “[...] que não avalia a integridade de sua expressão tampouco sua lamentável necessidade de reforma. Ela intervém nos padrões dos crédulos e dos trapaceiros, avaliando a habilidade dos disfarces de alavancar mudanças” (Easterling, 2005, p.12).

Com a frase “os sistemas de crenças utópicas amam propriedades”, Easterling (2005, p.73) analisa o fenômeno de duas das maiores construtoras e imobiliárias mundiais que desenvolvem atividades paralelas misturando cadeias comerciais e *franchisings* com organizações espirituais: “[...] ambas usam a arquitetura como parte de um capital simbólico necessário para colonizar o tempo, os estilos de vida, as crenças ou estratégias de *marketing*” (Easterling, 2005, p.74).

Como *modus operandi* próprio dessa prática, a autora identifica a operação de subtração: implosões, demolições e outros métodos para apagar edifícios, prática quase nunca associada ao escopo de trabalho do arquiteto, uma vez que ‘construir’ permanece como sua função primordial, a resposta certa para todos os problemas. Cada vez mais construir significa demolir totalmente ou em partes, e em alguns casos a subtração e a construção são indistinguíveis. Mesmo assim, o retrato do arquiteto permanece aquele do curandeiro

inocente que aparece depois da demolição com uma planta substituta. “Não importa quão gentil é o tom da retórica, fundamental à subtração é o desejo de permanecer inocente, de reduzir, de preservar ou purificar qualquer coisa que contradiga ou ameace a força dominante” (Easterling, 2005, p.179). As histórias contadas por Keller mostram como:

[...] os debates internos comuns a qualquer disciplina, por mais atuais e informados que sejam, correm o risco de permanecerem em hibernação, sem serem desafiados pelos extremos do comum, por mundos muito mais hiperbólicos que qualquer ficção ou pensamento lógico [...]. As histórias sugerem que a arquitetura encontre sua oportunidade, sua gravidade, e até sua sedução, não nas páginas de estilo, mas nas ficções dos noticiários internacionais. A arquitetura pode não ter outra escolha senão encontrar sua política — opor inocência com ingenuidade (Easterling, 2005, p.13).

A consciência de seu poder dissimulador e das operações implícitas em sua prática representa uma grande oportunidade de retomada de poder e ação efetiva da arquitetura, uma verdadeira “máquina de guerra”, como proposto por Deleuze e Guatari³.

POSSIBILIDADES DE ENGAJAMENTO: ARQUITETURA PROJETIVA

“A arquitetura é política”, afirma Till (2009, p.124), na medida em que afeta diretamente a vida dos cidadãos, o que torna inaceitável a negação desse pressuposto pelos arquitetos que se escondem atrás da neutralidade do espaço abstrato. A neutralidade política ou ideológica permite o avanço do controle espacial ao priorizar o espaço físico em detrimento do espaço social: o *hard space* permite uma leitura *default*: esvaziado, simplificado, divisível, contido e controlado, enfim, manipulável. O *hard space* é na verdade socialmente *hard*, contido por fronteiras que separam as ações vitais em funções, e então em categorias espaciais.

Um exemplo de tentativa de engajamento com a realidade, na medida em que representa a convergência entre o *marketing* de massa, o bom *design* e o serviço social, é o carro Toto (1996), de Philip Starck. O objetivo era desenhar um carro que “custasse nada e simplesmente fizesse seu trabalho de transportar as pessoas”, tendo como único símbolo o “não: não, eu não sou um consumidor” (Starck, 2007, p.46), negando o apelo sexual e de poder implícito na grande maioria dos projetos de carros. Dessa maneira, segundo Hays, Starck apresenta a possibilidade de reequipar o próprio sistema que empobreceu nossas vidas sem com isso esquecer que o *design* deve lutar constantemente para existir em não conformidade com o mundo que o patrocina: “O consumidor rebelde é acima de tudo um consumidor, e a lição desses exemplos é a mesma: o próximo nicho de mercado encontra-se no domínio daqueles que mais resistiram ao mercado” (Hays, 2007, p.51). Apesar de a grande empresa de carros ter recusado o projeto, dizendo “Amamos o projeto,

mas nós faremos melhor” (Starck, 2007, p.46), é inegável a inteligência da estratégia de Starck ao usar sua fama, estabelecida durante anos de trabalho com as maiores marcas do *design* mundial, para propor um *design* ‘politicamente correto’, mesmo que isso significasse alcançar novos públicos e manter-se no mercado.

Menos engajado, mas também procurando um nicho de mercado, van Toor (2007, p.55) define o capitalismo avançado como extremamente complexo e dinâmico, capaz de mudanças rápidas e estruturais, transformando limitações iniciais em desafios que culminam em novos investimentos. Assim, segundo ele, alguns arquitetos passaram a acreditar que não faz mais sentido gastar tempo construindo novas ideologias ou criticando o sistema, mas sim se inspirando nas mutações perpétuas do capitalismo avançado.

Seguindo essa linha, Somol e Whiting (2002) propõem avançar além de uma arquitetura crítica que, ao comentar assuntos internos do discurso arquitetônico-social, evita olhar para alternativas realistas. A proposta é iniciar uma arquitetura “projetiva”, um *approach*, uma estratégia, ao invés de um produto acabado. Tal arquitetura pressupõe um foco contínuo no método (*the how*) e deixa o ‘o que’ (*what*) e o ‘por que’ (*why*) indefinidos. A pesquisa sistemática da realidade *as found*, com a ajuda de diagramas e outros métodos analíticos, revela todo tipo de beleza latente: forças e possibilidades acabam sendo trazidas à superfície (van Toorn, 2007). Para Somol e Whiting (2002), o programa projetivo não necessariamente acarreta a capitulação às forças de mercado: ele respeita ou reorganiza múltiplas economias, ecologias, sistemas informacionais e grupos sociais. A teoria Datascape do MVRDV é um exemplo direto.

Mesmo de pequena escala — por seu tamanho e por seu campo de influência —, o *BasketBar* do *NL Architects* (2000-2002) é um exemplo de consciência arquitetônica que interfere de forma definitiva em seu contexto. A atitude positivamente subversiva de colocar uma quadra de basquete em cima de um bar de faculdade eleva um programa comum a outra dimensão, costurando de forma efetiva a arquitetura ao cotidiano das pessoas pela multiplicação de suas relações espaciais, funcionais, simbólicas. Imaginar a ampliação desse tipo de intervenção na cidade é, correndo o risco de utopia, reconquistar algum controle sobre o processo de construção da cidade.

A preocupação em propor novas alternativas através de uma análise cuidadosa da realidade suplantou a crítica dessa mesma realidade. Van Toorn (2007) afirma que, para as práticas projetivas, a questão não é se a arquitetura deve ou não participar do capitalismo avançado: isso é um dado. Deve, sim, discutir de que forma assumir sua relação com o mercado. Trata-se de uma questão ética e política que não pode ser considerada apenas por termos pragmáticos, ou técnicos ou estéticos, o que acabaria por constituir pequenas ditaduras. “A cultura agora trata sobre diversidade, flexibilidade e a busca permanente pelas novidades e efeitos que um projeto inicia, sobre como um objeto pode relacionar-se com o mercado como uma plataforma aberta, supostamente neutra” (van Toorn, 2007, p.68).

Podemos concluir, portanto, que há uma resistência contra os crescentes processos de fragmentação e homogeneização das metrópoles contemporâneas através da reorganização dos elementos arquitetônicos. Essa reorganização baseia-se em uma atitude pragmática de aceitação da realidade, que substitui definitivamente a representação de conceitos pela operação através da arquitetura, que retira o usuário da condição de leitor para a condição de ator. Implícita nessa postura há a preocupação com a função do arquiteto na sociedade atual, uma vez que “dar respostas plausíveis para problemas práticos” (Koolhaas, 1994, p.22) permanece a sua principal função na sociedade. A construção de discussões teóricas e as respostas prováveis para os problemas da arquitetura vêm das circunstâncias geradas pela própria prática arquitetônica, do embate com a realidade. Inserir a arquitetura ativamente nessa realidade significa colocá-la no centro do caos urbano contemporâneo e, conseqüentemente, em uma posição estratégica para resolver problemas. Os processos econômicos e culturais em ação no espaço metropolitano dependem de uma comunicação que precisa ser dominada pela arquitetura. Essa necessidade de interação requer formas capazes de expressar o acontecimento arquitetônico, produzido agora por meio da redefinição de noções tradicionais, como forma e função, que ultrapassam a disputa entre formalismo e funcionalismo em busca de uma nova relação com o usuário.

NOTAS

1. A ideia de contingência é também discutida por John Dewey: “Contingência é uma condição necessária, embora não suficiente, da liberdade. Em um mundo completamente fechado e exato em todas as suas partes constituintes, não haveria espaço para a liberdade. Contingência, ao mesmo tempo em que nos dá espaço para essa liberdade, não preenche esse espaço.” E assim o cenário se completa com outros valores (Dewey, 1929, p.238, tradução da autora).
2. “Isso não necessariamente significa, literalmente, fisicamente inacabado, e sim inacabado no sentido de permitir a possibilidade de apropriação por seus usuários” Till (2009, p.107, tradução da autora).
3. O conceito “máquina de guerra” foi amplamente usado por Nelson Brissac Peixoto na estratégia de reconquista do território urbano através de seus espaços intersticiais. Brissac (2002). Keller Easterling (2005, p.53) usou o conceito para descrever os métodos da “arquitetura pirata”, ao oscilar entre a rede de pirataria e a proteção do estado.

REFERÊNCIAS

- BRISSAC, N. *As máquinas de guerra contra os aparelhos de captura*. São Paulo: SENAC, 2002. (Arte/Cidade).
- DEWEY, J. *The quest for certainty*. New York: Minton & Balch Co, 1929.
- EASTERLING, K. *Enduring innocence*. Cambridge: The MIT Press, 2005.
- HAYS, K. P.S./P.C.: on Starck speaks. In: SAUNDERS, W.S. (Ed.). *The New architectural pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- KOOLHAAS, R. Finding freedoms: conversations with Rem Koolhaas. *El Croquis*, v.53, p.22, 1994.
- POLO, A.Z. Notes for a topographic survey: OMA/Koolhaas 1987-1993. *El Croquis*, v.53, p.40-41, 1994.
- SOMOL, R.; WHITING, S. Notes around the doppler effect and other moods of modernism. In: SAUNDERS, W.S. (Ed.). *The new architecture pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- STARCK, P. Starck speaks: politics, pleasure and play. In: SAUNDERS, W.S. (Ed.). *The new architecture pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- VAN TOORN, R. No more dreams?: the passion for reality in recent dutch architecture... and its limitations. In: SAUNDERS, W.S. (Ed.). *The new architecture pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- TILL, J. *Architecture depends*. Cambridge: The MIT Press, 2009.

RESUMO

Autores contemporâneos, analisados neste artigo, têm defendido a necessidade de promover maior engajamento entre arquitetura e realidade, no intuito de aproximar a disciplina dos problemas urbanos contemporâneos e, em última instância, legitimar a arquitetura como parte do contexto cultural de maneira mais dinâmica e participativa na vida das grandes cidades. O objetivo deste artigo é discutir diferentes leituras sobre a realidade e sua relação com a arquitetura contemporânea, discussão fundamental para o entendimento dos processos de projeto atuais, bem como para a criação de metodologias de ensino e projeto capazes de devolver ao arquiteto o poder de construir a cidade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura contemporânea. Arquitetura *versus* realidade. Método de projeto. Teoria da arquitetura.

REALITY AND CONTEMPORARY ARCHITECTURE

ABSTRACT

Contemporary authors discussed in this paper have been supportive of the necessity to promote more effective engagement between architecture and reality in order to bring architecture closer to urban problems and to legitimize architecture as part of the cultural context of the metropolis in a more dynamic and inclusive way. The purpose of this article is to discuss different readings of reality and its relation to contemporary architecture - a key issue to understanding today's design processes and an important tool for developing design methodologies able to restore the architect's power to build the contemporary city.

KEYWORDS: Contemporary architecture. Architecture *versus* reality. Design methodology. Theory of architecture.